

Essas
pequenas
ocasiões que
nos fazem
quem somos



Bruno Palma e Silva

Essas
pequenas
ocasiões que
nos fazem
quem somos

© texto e ilustrações: Bruno Palma e Silva, 2018

Direitos da publicação:

© 2018, Hum. Publicações

Coordenação editorial: Francisco Sousa

Preparação de originais: Schirley Horácio de Gois Hartmann

Revisão: Camila Rosa

Assistentes editoriais: Débora Balmant Cruzeiro Cieslak
Gabriela Ido Sabino

Projeto gráfico e capa: Bruno Palma e Silva

Impressão: Gráfica e Editora Posigraf Ltda. – CNPJ: 75.104.422/0001-06

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S586e

Silva, Bruno Palma e.

Essas pequenas ocasiões que nos fazem quem somos / Bruno
Palma e Silva. – Curitiba (PR): HUM Publicações, 2018.
104 p. : il.

ISBN 978-85-68387-13-9

1. Literatura brasileira – Contos. I.Título.

CDD 028.5

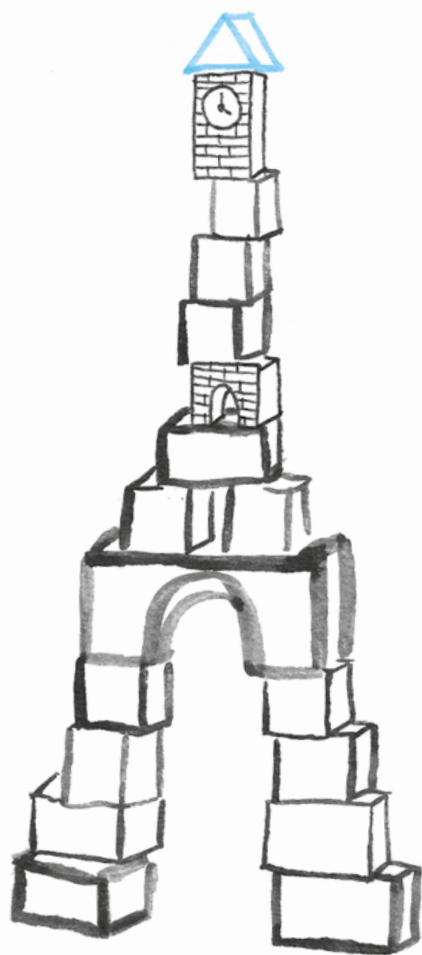
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Todos os direitos reservados à Hum. Publicações.
www.humpublicacoes.com.br

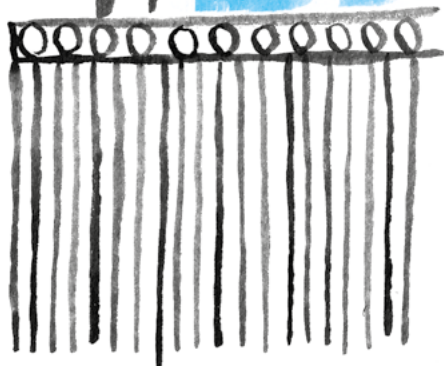
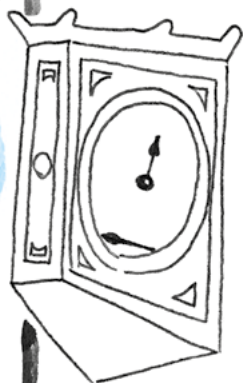
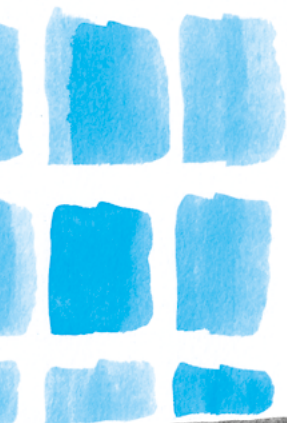
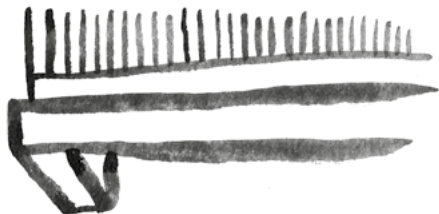
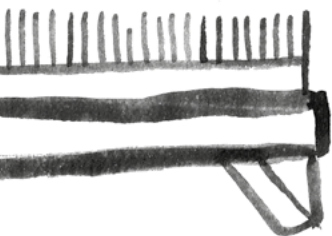
1ª edição

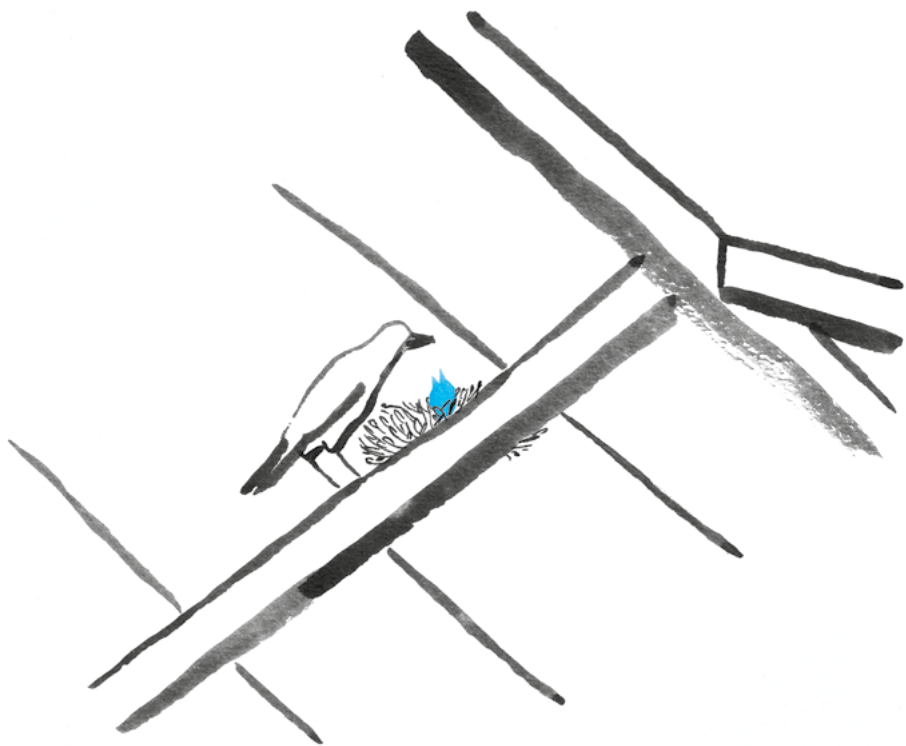
Impresso no Brasil

1 2 3 4 5 7 8 9 10 11 12
2019









Primeiras leituras

I. Uns poucos livrinhos, 17

II. Um caminho suave com bolo de cenoura, 19

III. Nadar para longe, 22

Quietinho (ou Um trauma de infância), 24

Casinha branca, 27

Vinte mil léguas numa concha, 30

Felicidade, 32

Gabriel, 34

O destino do pobre Yun Fang, 36

A flor, 39

Olhai as aves do céu, 42

Uma parábola com porcos, 45

Titicaca, 48

Quinze anos, 51

Tarô, 54

Numa noite de agosto, 57

Aos pedaços, 60

Avôs, 63

Duque, 66

Tardes no café, 69

Horário de verão, 72

Uma carta meio confusa, 75

Talvez, 78

Palavras cruzadas, 81

Rabo de cachorro, 83

Uma trilogia da vida comum

I. Mamões e casamento, 85

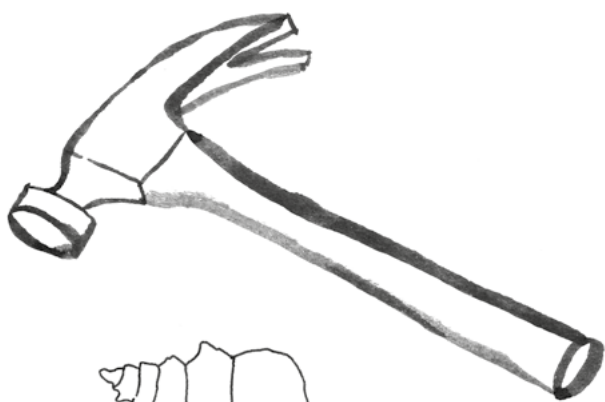
II. Blocos de desmontar, 87

III. Uma chaleira de água quente, 89

Peixe dourado, 91

São essas vezes, 92

Nota do autor, 97



*Confesso que escrevo de palpite,
como outras pessoas tocam piano de ouvido.*

Rubem Braga

Primeiras leituras

I.

Uns poucos livrinhos

O tempo passou e deixou a impressão de que todas as tardes naquele apartamento eram ensolaradas e de que todo dia tínhamos bolo formigueiro saindo do forno. Minha caneca era verde, a do meu irmão do meio, azul. O mais novo ainda tomava mamadeira, mas também ganhou uma igual – marrom – quando cresceu o bastante. E éramos felizes.

Lembro-me da minha impaciência naquelas férias que, parecia, não tinham mais fim. Eu sentia que não chegava nunca o dia de estrear meu uniforme amarelo e, finalmente, aprender a ler. Minha mãe se sentava no sofá, colocava um livro entre nós e lia, apontando paciente as ilustrações.

Livros são caros, os tempos não eram fáceis, e então tínhamos só uns poucos. Uns poucos e abençoados

livrinhos que meu pai comprava com o salário sacrificado de três empregos. Uns poucos e abençoados que minha mãe não se importava de ler e reler para um menino faminto de histórias.

Às vezes uma panela no fogo ou o choro de um dos filhos a obrigavam a apressar a coisa e pular uma parte ou outra. Mas não adiantava: de tanto ouvir aquelas mesmas histórias, eu já sabia cada uma delas de cor. Podia recitar de memória cada página, cada frase. Então, eu a fazia parar, voltava a página, apontava e “lia” o que ela havia esquecido. Paciência de mãe é uma coisa maravilhosa.

E talvez isso resuma meu amor aos livros: eu os lia antes de saber ler.

À noite, meu pai chegava e, no pé da cama, contava aventuras para mim e meus irmãos. E, olha, está para nascer alguém que imite melhor o urso Baloo.

II.

Um caminho suave com bolo de cenoura

Naquele dia, aquele que abriu a porta de casa e entrou na sala não era um menino de cinco anos, mas um general triunfante. Eu me sentia um César recém-chegado da campanha vitoriosa, de coroa de louros, trombetas e tudo. Se soubesse latim, teria feito pose e dito “*veni, vidi, vici*”; mas na época eu ainda estava aprendendo o português, o que já era de bom tamanho.

Meu uniforme novo – camiseta amarela de bichinho estampado, calça e Conga azul-marinho – servia de casaca de Napoleão. Parada na porta da cozinha com uma tigela de cobertura de chocolate nas mãos, minha mãe notou que havia algo de estranho no ar – e ainda não era o bolo queimando – e teve o respeito de não rir da minha empolgação.

Joguei a lancheira de lado, fui até a mesa de fórmica amarela, afastei a toalha, assoprei um resto de farinha e coloquei ali a mochila. De dentro dela, puxei meu troféu.

Era um livro grande, colorido, encapado com capricho em plástico transparente: chamava-se *Caminho suave*, a minha cartilha. Abri na primeira lição. E ali, com a melhor voz de locutor de rádio que meus cinco anos me permitiam fazer, li a primeira palavra de minha vida:

— Ai.

(Como nada me doía, presumo que eu tenha começado lendo ficção.) Minha mãe aplaudiu, limpou as mãos no pano de prato e sentou-se ao meu lado. Fiz desfilar, então, naquele fim de tarde, minha tropa: uma legião – meia dúzia, na verdade – de combinações de vogais, que dançaram aos pares, rodopiando entre a fumaça do bolo de cenoura que minha mãe, emocionada, estava quase se esquecendo de tirar do forno.

— Ei.

— Oi.

— Ui.

E então, em silêncio, tomei um fôlego maior, como o trapezista que chega ao ápice do show, no momento do salto mortal sem proteção, e encerrei com uma palavra de três – três! – letras, homenagem ao meu pai, mineiro:

— Uai!

Eu era um Colombo diante de um novo mundo. Repeti a lição várias vezes, orgulhoso, inclusive para a Elisa, vizinha do apartamento da frente. Esperei ansioso pela

hora em que meu pai chegaria do trabalho e li para ele toda a lição (ele, de fato, gostou especialmente do “uai”).

Quase não dormi pensando no que me aguardava no dia seguinte: a lição do B.

Lembro-me dos primeiros livros da minha vida, aqueles que eu lia sem saber ler. Acontece que naquela tarde eu li de verdade. E minhas primeiras letras tiveram gosto de bolo de cenoura com calda de chocolate.

III.

Nadar para longe

Foi uma época gostosa. Íamos caminhando até a casa de um tio-avô da minha mãe, um iugoslavo anarquista que tinha no quintal de casa uma escolinha de natação cujo método de ensino consistia basicamente em me agarrar pelo cabelo enquanto eu nadava: se eu parasse, afundava e doía. E passávamos as manhãs das férias entre braçadas e sanduíches.

Um dia o tio me chamou para a secretaria improvisada – lembro-me do cheiro de cloro – e perguntou se eu queria uns livros. Imagino que minha resposta tenha sido um sorriso do tipo “quem é que pergunta a um macaco se ele quer bananas?”.

Foi complicado, mas carreguei tudo para casa. Talvez tenha sido a primeira vez que senti o peso – nem sempre no sentido figurado – do conhecimento. É bem sacrificada a vida de leitor nadador aos seis anos.

Eram cinco volumes grandes e verdes de capa dura, coisa antiga. Por dentro, as histórias e umas ilustrações em traços vermelhos. Posso estar bem enganado, mas ninguém saberá me desmentir: o primeiro tinha as histórias dos Irmãos Grimm, e o segundo, vários contos de fada; depois vinham as viagens completas do Sinbad, as do Gulliver e as do Marco Polo.

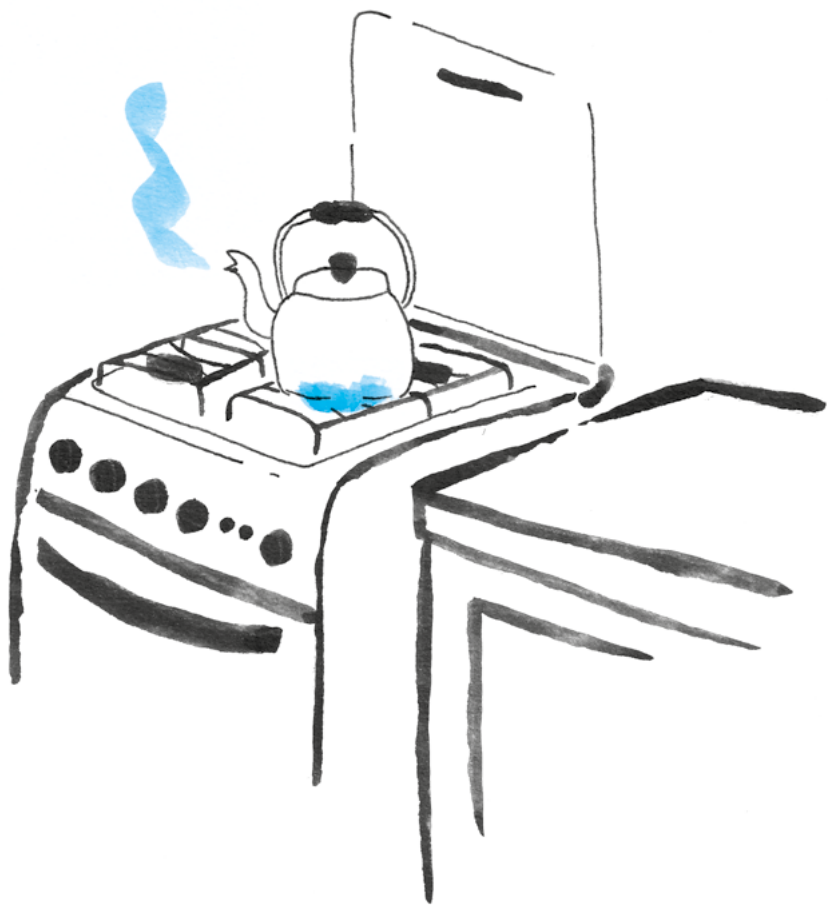
Viagens.

Foi, acho, a primeira vez em que meu mundo cresceu além das oito horas de carro até Minas que eram meu recorde de lonjura. O mundo lá fora era grande pra caramba. E o mundo aqui dentro podia ser maior ainda.

O problema dos clichês é que às vezes eles são verdade, e aí já é difícil levá-los a sério. Pois, de todos os clichês sobre livros, aquele de viajar sem sair do lugar foi, por um bom tempo, o que mais fez sentido para mim: vivi longos períodos em terras distantes. Aparecia em casa sempre que minha mãe chamava para o café, mas logo voltava para algum deserto, alguma ilha, alguma cidade perdida.

Quem me olhava, menino magrelo e tímido, nem imaginava minhas andanças. Há que ser muito valente para chegar tão longe. Ainda bem que o tio estava me ensinando a nadar.

Anos depois acabamos doando a coleção a outras crianças, de modo que me agrada pensar que talvez eu tenha alguns outros companheiros de viagem por aí. Não me assustaria um dia receber uns postais.



Bruno Palma e Silva nasceu em 1982, em São Paulo (SP). Desde 1994 mora em Curitiba (PR) e estudou *design* gráfico na Universidade Federal do Paraná. Seu *blog* pessoal, *Acepipes Escritos*, atingiu mais de 100.000 leitores. Este é seu primeiro livro.

Este livro, composto na fonte Clavo,
foi impresso em papel offset 75 g/m²
em junho de 2019.